

ESCRITA DE SINAIS:
A IMPORTÂNCIA DA AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM ESCRITA
PARA O DESENVOLVIMENTO LINGUÍSTICO E COGNITIVO DO
SUJEITO VISUAL^{1,2}

Sign Writing: the importance of the acquisition of written language for the linguistic and cognitive development of the visual subject

RESUMO

Neste texto discutiremos a temática Escrita de Línguas de Sinais (ELS) enfatizando a importância da aquisição da escrita e da leitura da Língua de Sinais (LS) no processo de aprendizagem dos visuais³ (surdos), considerando os benefícios proporcionados por esse aprendizado. Assim, nosso objetivo é apresentar a Escrita de Sinais (ES) como aprendizagem fundamental para o desenvolvimento cognitivo dos visuais, para formação da identidade e autonomia desses sujeitos e para o desenvolvimento linguístico dos aprendentes da LS. Para tanto, apresentaremos um panorama geral da ES: origem, viabilidade, benefícios, sistemas existentes, especialmente, no Brasil. Metodologicamente, trata-se, de uma pesquisa bibliográfica de abordagem qualitativa-exploratória fundamentada em: *Stumpf* (2001; 2005); *Barros* (2008; 2015); *Lessa-de-Oliveira* (2012); *Barreto e Barreto* (2012; 2015) e *Benassi* (2017; 2019). Posto isso, esperamos com este trabalho difundir conhecimentos que

ABSTRACT

In this text we will discuss the thematic Sign Language Writing (SLW) emphasizing the importance of the acquisition of the writing and reading of the Sign Language (SL) in the process of learning the visual (deaf), considering the benefits provided by this learning. Thus, our objective is to present the sign writing (ES) as a fundamental learning for the cognitive development of the visual, for the formation of the identity and autonomy of these subjects and for the linguistic development of the learners of the LS. To this end, we will present a general overview of the ES: origin, viability, benefits, existing systems, especially in Brazil. Methodologically, this is a bibliographic research of qualitative-exploratory approach based on: *Stumpf* (2001; 2005); *Barros* (2008; 2015); *Lessa-de-Oliveira* (2012); *Barreto and Barreto* (2012; 2015) and *Benassi* (2017; 2019). Thus, we hope with this work to disseminate knowledge that contributes to the formation of teachers, students and

¹ Artigo solicitado como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do curso de Especialização *Latu Sensu* em Libras e Educação Inclusiva – UAB – do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato (IFMT).

² Publicado na íntegra, conforme recebido das autoras. Retirou-se apenas os logos das instituições promotoras do curso da referida formação, a saber IFMT e UAB.

³ Termo proposto por Duarte (2016) para referir-se às pessoas com surdez, conforme autor, o termo visual melhor define esses sujeitos, tendo em vista que é, exclusivamente, pela visualidade que eles captam as informações e se desenvolvem linguisticamente. Nesse entendimento, o termo “surdo” apenas rotula e enfatiza aquilo que falta ao sujeito e não expressa a sua potencialidade linguística. Conforme Duarte, o inverso ocorre em relação aos sujeitos que ouvem que são denominados de ouvintes por caracterizar a sua potencialidade linguística e não a sua “deficiência”. Ressalta-se ainda, que a linguista Ana Regina e Souza Campello, também, faz referência às pessoas com surdez usando a expressão “**sinalizantes-visuais**” (2011, p. 17. Destaque nosso).

contribuam para formação de professores, estudantes e outros profissionais da área e de todos que almejam uma educação inclusiva. Consequentemente, esperamos também, que promovam mudanças de posturas naqueles que têm atribuído sentido negativo a esse conhecimento.

other professionals of the area and of all who aspire to an inclusive education. Consequently, we also hope that they promote changes in attitudes in those who have attributed negative meaning to this knowledge.

Palavras-chave: Aprendizagem. Escrita de Línguas de Sinais (ELS). Sujeito Visual.

Keywords: Learning. Sign Language Writing (SLW). Visual Subject.

SOBRE AS AUTORAS

ÁUREA DE SANTANA BUENO

Mestranda em Estudo de Linguagem pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens – PPGEL/UFMT. Graduada em Pedagogia pela UFMT. Graduanda do 7º semestre do curso de Letras-Libras, Licenciatura da UFMT. Pós-Graduada no curso de Especialização *Latu Sensu* em Libras e Educação Inclusiva – UAB/UFMT.

ALESSANDRA PASSOS CAMPOS OLIVEIRA

Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Pós-Graduada no curso de Especialização *Latu Sensu* em Libras e Educação Inclusiva – UAB/UFMT.

CRISTIANE NUNES BOBAID ESPÍRITO SANTO

Graduada em Pedagogia Empresarial pela Universidade de Cuiabá (UNIC). Pós-Graduada em Educação Infantil pela UFMT. Graduanda do 7º semestre do curso de Letras-Libras, Licenciatura da UFMT. Pós-Graduada no curso de Especialização *Latu Sensu* em Libras e Educação Inclusiva – UAB/UFMT.

MIRIAN ALVES DA SILVA

Graduada em Radiologia. Graduanda do 5º semestre do curso de Letras-Libras, Licenciatura da UFMT. Pós-Graduada no curso de Especialização *Latu Sensu* em Libras e Educação Inclusiva – UAB/UFMT.

TIAGO MACHADO SARETTO

Orientador. Mestre em Educação e Novas Tecnologias (UNINTER), Pós-Graduado em Libras (Centro Universitário Barão de Mauá), Graduação em Pedagogia (IVE), docente do curso de pós-graduação nível Especialização em Libras e Educação Inclusiva – UAB/UFMT, *campus* Várzea Grande.

INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, o assunto em voga no âmbito educacional refere-se à temática da inclusão, a respeito da qual tem-se discutido amplamente questões referentes à diversidade como um todo. Sabemos por experiência individual e coletiva que a sociedade é hegemonicamente oral-auditiva e a escola como fruto social reflete a mesma lógica ao pautar suas práticas pedagógicas com base na oralidade, uma prática excludente àqueles que são exclusivamente visuais. Dessa forma, indo a contramão dessa prática, neste trabalho abordaremos questões referentes à inclusão dos visuais, porém, nosso recorte centra-se no aprender⁴ da leitura e da escrita da LS.

Para tanto, nesta pesquisa, versaremos sobre a temática ELS, enfatizando a importância da aprendizagem de ES para o processo de desenvolvimento linguístico e cognitivo desses sujeitos. Considerando os benefícios proporcionados por esse aprendizado – os quais são elencados por Barreto e Barreto (20012; 2015), concordamos que tal conhecimento contribui para a constituição autônoma desses sujeitos e para seu aprendizado da LS.

No entanto, em se tratando das LS as pesquisas ainda são incipientes, o que piora um pouco mais quando o assunto é ELS. Embora, diversos autores, por exemplo – (STUMPF, 2001; 2005; BARROS, 2008; 2015; BARRETO e BARRETO, 20012; 2015; BENASSI, 2017; 2019), já comprovaram a importância do aprender a LS na modalidade escrita, apresentando resultados pertinentes quanto aos benefícios proporcionados por esse aprendizado. Todavia, ainda é recorrente no âmbito educacional como um todo e até entre profissionais da área da LS a ideia de que a ES não tem relevância. Pior ainda, muitos pensam que a LS seja ágrafa.

Dessa forma, a escolha dessa temática, foi impulsionada por questões como: É possível escrever sinais? A ES serve para grafar qualquer sinal? Isso são letras ou desenhos? É possível registrar qualquer enunciado por meio da

⁴ Adotamos o termo aprender na perspectiva de que para acontecer aprendizagem necessariamente implica que houve ensino, ação essa que não se atribui exclusivamente ao professor, mas se constitui nas relações entre os sujeitos envolvidos. Dessa forma, os termos ensino e ensino-aprendizagem comumente usados em trabalhos referentes à educação, não serão adotados em nosso texto. Corroboramos com o pensamento de Anastasiou (1998) que apresentou o termo “Ensinagem” na concepção de que a ação de ensinar e aprender não pode ser compreendida indissociavelmente.

ES? Por que aprender a ES se não a usamos na escola? Qual a importância do aprendizado da ES para os visuais? Enfim, estas são as problemáticas mais recorrentes quando o assunto é ES, as quais buscaremos esclarecê-las no desenrolar desse trabalho.

Assim, para elucidar possíveis dúvidas sobre as referidas questões, apresentaremos um panorama geral sobre a ES: origem, viabilidade, benefícios do aprendizado, sistemas existentes, entre outros aspectos relacionados à aprendizagem da ES que considerarmos pertinentes. Desse modo, nosso objetivo principal é apresentar a ES e o seu aprendizado como aspecto fundamental para o desenvolvimento linguístico e cognitivo dos visuais e para a formação da identidade autônoma desses sujeitos. Pretendemos, ainda, difundir conhecimentos acerca da ES que contribuam para a inclusão dos visuais.

Nesse entendimento, consideramos extremamente importante que o conhecimento da ELS seja difundido e aprofundado nos cursos de formação docente. Contudo, neste trabalho nosso foco não será na importância da ES para a formação destes profissionais e sim nos benefícios que esse aprendizado representa para o desenvolvimento linguístico dos aprendentes da LS, especialmente, dos visuais.

Metodologicamente o texto fundamenta-se nas pesquisas de autoras/es que versam sobre a temática, dentre eles: *Stumpf* (2001; 2005); Barros (2008; 2015); Lessa-de-Oliveira (2012); Barreto e Barreto (2012; 2015) e *Benassi* (2017; 2019). Trata-se, então, de uma pesquisa bibliográfica de abordagem qualitativa-exploratória com base nos estudos dos referidos pesquisadores de ES.

Ao levantar essa discussão, aspiramos suscitar reflexões a respeito da importância da aprendizagem da ES pelos visuais, tendo em vista os benefícios (BARRETO e BARRETO 2012; 2015) que a ES proporciona na constituição da identidade autônoma desses sujeitos. Quadros (1997, p. 98) coaduna com a afirmação de *Zamel* (1987) de que a “a escrita deve ser a oportunidade dos alunos de expressar inúmeras situações significativas para determinados fins”. Partindo dessas premissas, justifica a relevância dessa temática.

Posto isso, esperamos que as reflexões suscitadas pela leitura deste trabalho e os conhecimentos aqui compartilhados contribuam para formação de

estudantes, professores e outros profissionais do âmbito educacional, não apenas da área de Libras, mas de todos que almejam uma educação de fato inclusiva. Esperamos, ainda, que promovam mudanças de atitudes equivocadas, principalmente, de profissionais da área – tanto de visuais quanto de ouvintes – que têm atribuído sentido negativo a esse conhecimento.

1. CONTEXTUALIZANDO ACERCA DA TEMÁTICA

Marcuschi (2007) defende que oralidade e escrita possuem a mesma importância, ou seja, não há hegemonia da fala sobre a escrita. No entanto, sabemos que em se tratando das línguas orais a escrita surgiu séculos depois da oralidade – há cerca de dez mil anos, surge em algumas sociedades as primeiras escritas (*CRYSTAL*, 2005) – pela necessidade cada vez mais preeminente de registrar os fatos do cotidiano. Logo, a escrita tornou-se essencial para o funcionamento da sociedade que, por sua vez, tornou-se grafocêntrica por natureza (*GNERRE*, 2009). Para *Carvalho e Mendonça* (2006, p. 8), tanto a oralidade quanto a escrita “são modos de representação cognitiva e social que se revelam em práticas específicas” não havendo supremacia cognitiva entre tais práticas.

Entretanto, no âmbito das LS há uma disparidade nos modos de conceber e valorar a modalidade escrita da língua. Porquanto, até hoje, muitos pensam ser elas, línguas ágrafas, embora, a primeira possibilidade de uma escrita para as LS tenha surgido em 1825, apresentada por *Bébian* em seu livro *Mimographie* (*Oviedo*, 2015)⁵. Retomaremos sobre a gênese da ES no tópico subsequente, no qual abordaremos o histórico dos sistemas de ES existentes no mundo, especialmente, os quatro sistemas correntes no Brasil.

Contudo, como já mencionamos os estudos que abordam a temática de escrita nas LS ainda são bem escassos. Entretanto, os pesquisadores dessa área coadunam do pensamento de que o aprendizado da ES contribui de forma eficaz para o desenvolvimento tanto linguístico quanto cognitivo dos visuais (*STUMPF*, 2005; *BARRETO e BARRETO*, 2015; *BARROS*, 2015; *BENASSI*,

⁵ Disponível em: <<https://cultura-sorda.org/la-mimografia-de-auguste-bebian-texto-completo-en-espanol-edicion-comentada/>>. Acesso em: 19 abr. 2019.

2019). Esses estudiosos compartilham ainda o pensamento de que o aprender da LS se efetiva plenamente pela leitura e pela escrita dos sinais e não apenas pela sinalização como comumente se é entendida por desconhecedores do assunto e até por profissionais da área.

Segundo Soares (2010), a alfabetização na língua oral se dá pelo domínio da leitura e da escrita, que para ela, além da habilidade de codificação e decodificação, o indivíduo precisa fazer uso consciente desse aprendizado, ou seja, dominar a leitura e a escrita reconhecendo a sua função social e usando-a de forma consciente. Nesse caso, segundo a autora, o sujeito será considerado não apenas alfabetizado, como também letrado. Analogamente, *Benassi* (2016) considera que na LS é alfabetizado aquele que aprendeu a modalidade escrita da língua e não apenas a articulada.

Assim, nossa motivação pela discussão desse tema se deu pela constatação de alguns aspectos relacionados à ELS os quais consideramos pertinentes abordar: pouca difusão desse conhecimento, em virtude do escasso trabalho sobre a temática; o estranhamento dos visuais e dos profissionais da área em relação à ES, por conceberem-na de difícil aprendizagem; a necessidade desse conhecimento para potencializar o aprendizado da LS; a importância desse conhecimento para o desenvolvimento integral dos visuais.

Percebemos ainda, enquanto graduandas do Letras-Libras da UFMT e do curso de Especialização *Latu Sensu* em Libras e Educação Inclusiva da UAB/UFMT (conforme apresentação na nota de rodapé no início deste trabalho) que a temática é pouca considerada. Essa afirmação se fundamenta no fato de que na graduação de Letras-Libras a disciplina denominada “Escrita de Sinais” ocupa apenas 96h da carga horária total do curso que é de 3280h. Vale ressaltar que, foi na elaboração do novo Projeto Pedagógico de Curso de Graduação (PPC, 2017), que a carga horária desse componente curricular foi alterada de 64h para 96h. Já no curso de especialização, anteriormente mencionado, a ES apareceu brevemente apenas como conteúdo de uma das disciplinas. Na figura a seguir, apresentamos a distribuição da carga da disciplina ES da UFMT.

Figura 1 – Divisão da atual carga horária da disciplina ES do curso de Letras-Libras/UFMT.

CÓDIGO		COMPONENTE CURRICULAR:		
ESCRITA DE SINAIS				
CARGA HORÁRIA EM HORAS				
Teórica	Prática da disciplina	PCC	Prát. Aula de Campo	Total
32	32	32	-	96
UNIDADE ACADÊMICA OFERTANTE:				SIGLA:
Curso de Graduação em Letras Libras				LL

Fonte: Projeto Pedagógico de Curso de Graduação (2017).

Dessa forma, coadunamos com os autores-pesquisadores da temática, quanto à relevância da ES, considerando que este aprendizado proporciona contribuições significativas para a inclusão dos visuais, não só no âmbito educacional como na sociedade de forma global. Concordamos ainda, que a aprendizagem da ES potencializa o desenvolvimento do sujeito visual integralmente, conferindo-lhe autoria e autonomia na constituição da sua identidade e da própria história.

2. PANORAMA HISTÓRICO: UM PONTO DE PARTIDA

Como já mencionamos no tópico anterior, conforme Oviedo (2015), o professor *Roch Ambroise Auguste Bébien* instigado pela necessidade do registro da LS e por acreditar na importância da ES para a educação dos visuais, foi o pioneiro na autoria de um sistema de grafia para a LS, o qual ele denominou de *Écrire Les Signes Mimographie*. Oviedo comenta que apesar da grande importância de *Bébien* na história da educação dos visuais, seu nome é citado pelos pesquisadores da área, mas a maioria deles, não lhe atribui o devido reconhecimento. Ainda que, tenha sido ele quem trouxe a luz sobre a possibilidade de registrar as LS por meio de um sistema de código escrito, em 1825 (BARROS, 2008).

Entretanto, apesar do pioneirismo de *Bébien* nesse intento, o destaque dessa façanha ficou historicamente consagrado ao pesquisador *William C. Stokoe* que mais de século depois – em 1960, por intermédio de suas pesquisas contribuiu para o reconhecimento do *status* linguístico da LS. Assim, motivado

pela necessidade de registrar seus dados de pesquisa, *Stokoe* criou o sistema de escrita *Stokoe Notation System*, o qual tornou-se conhecido com a publicação do *Dictionary of American Sign Language on Linguistic Principles*. Esse sistema “era composto por 55 símbolos divididos em 3 grupos da composição do sinal; Locação, Configuração de Mão e Movimento” (RIBEIRO, 2016, p. 22).

3. SISTEMAS DE ESCRITA DE LÍNGUAS DE SINAIS (ELS) NO MUNDO

Neste subtópico apresentaremos os diversos sistemas apresentados por *Benassi* (2019), sob a releitura de *Bueno* (2019, no prelo) que os apresenta sistematizados em uma tabela de acordo com a ordem elencada pelo autor. Então, de forma sucinta *Bueno* apresenta a denominação de cada sistema, seus respectivos autores e a data de sua invenção, com base na obra pesquisada ou “não consta” quando não houve data informada.

No entanto, não focaremos nesses sistemas, uma vez que não é nosso objetivo detalhá-los. Sendo assim, apenas os mencionaremos a fim de situar nossos leitores quanto a existência deles. Para maiores informações, sugerimos consulta à obra referenciada ao final desse artigo.

Figura 2 – Os Sistemas de ELS e seus respectivos autores.

Sistemas de Escrita das Línguas de Sinais		
Sistemas de ES	Autores	Ano de criação
Notação de <i>Stokoe</i>	<i>William C. Stokoe</i>	1960
<i>Hamburg Notation System</i>	<i>Prillwitz e Zienert</i>	1984
<i>D’Sign de Paul Jousin</i>	<i>Paul Jousin</i>	Não consta
<i>SignFont</i>	<i>Dom Newkirk</i>	1997
<i>ASL-Phabet</i>	<i>Samuel James Supalla</i>	1990
<i>ASL Orthography</i>	<i>Travis Low</i>	1997
Notação de <i>François Neve</i>	<i>François Neve</i>	1996
SSSS	<i>Robert Arnold Augustus</i>	2003
SLIPA	<i>David J. Peterson</i>	2005
<i>ASL Sign Jotting</i>	<i>Thomas Stone</i>	Não consta
<i>SignScript</i>	<i>Donald Grushkin</i>	Não consta

Fonte: Bueno (2019, no prelo⁶).

Como podemos constatar, na tabela acima não consta o sistema de ES *SignWriting* (SW) que, segundo Barreto e Barreto (2015), é a ES mais usada no Brasil e no mundo. Nesse caso, discorreremos sobre ele no subtópico a seguir, uma vez que se trata de um dos quatro sistemas que circulam no nosso país: SW, ELiS, SEL, VisoGrafia – sendo três de autoria brasileira.

3.1. Sistemas de Escrita de Língua de Sinais no Brasil

William C. Stokoe foi considerado o pai da linguística das LS, pois foi a partir de suas pesquisas desenvolvidas em contato com surdos da *Gallaudet University* que a LS foi reconhecida como língua de fato, na década de 60. Desde então,

as línguas de sinais são, portanto, consideradas pela lingüística como línguas naturais ou como um sistema lingüístico legítimo, e não como um problema do surdo ou como uma patologia da linguagem. Stokoe, em 1960, percebeu e comprovou que a língua de sinais atendia a todos os critérios lingüísticos de uma língua genuína, no léxico, na sintaxe e na capacidade de gerar uma quantidade infinita de sentenças (QUADROS e KARNOPP, 2004, p. 30).

Apesar disso, apenas em 1984, a LS teve seu *status* linguístico reconhecido pela Unesco (STUMPF, 2005). Quanto a esse aspecto, ainda paira uma questão bastante divergente: a Língua Brasileira de Sinais (Libras) é uma língua RECONHECIDA ou OFICIAL? Para elucidar essa questão, argumentamos que, embora, a Lei 10.436 tenha reconhecido o *status* linguístico da Libras, desde 24 de abril de 2002, ela também postula que esta língua não pode substituir o português na modalidade escrita. Corroborando com a questão as autoras Quadros e *Schmiedt* (2006) afirmam que, segundo a recomendação do MEC/SEESP,

em função da língua portuguesa (sic) ser, pela Constituição Federal, a língua oficial do Brasil, portanto língua cartorial em

⁶ Sistematizado por Bueno em sua dissertação de mestrado – em andamento, com base na tese de Benassi (2019).

que se registram os compromissos, os bens, a identificação das pessoas e o próprio ensino, determina-se o uso dessa língua obrigatório nas relações sociais, culturais, econômicas (mercado nacional), jurídicas e nas instituições de ensino. Nessa perspectiva, o ensino de língua portuguesa (sic), como segunda língua para surdos, baseia-se no fato de que esses são cidadãos brasileiros, têm o direito de utilizar e aprender esta língua oficial que é tão importante para o exercício de sua cidadania (*op. cit.*, p. 17).

Diante disso, não pretendemos afirmar que a ES venha substituir a escrita do português, mas apresentar evidências teóricas da importância deste aprendizado para a formação integral daqueles que tem a LS como sua língua natural. Nesse aspecto, nossa assertiva coaduna com a afirmação de *Stumpf* (2005) quando declara: “a escrita de sinais é importante para nós ‘surdos’⁷ que temos muita dificuldade de escrever em português” (*op. cit.*, p. 18). Em outro momento, a autora acrescenta que,

o atraso cognitivo dos ‘surdos’ pode ser produzido pela limitação que eles têm em realizar trocas simbólicas com seu meio, provocado pela falta de um instrumento simbólico e de um ambiente que os estimule a representar suas trocas afetivas e assim evoluir significativamente (*op.cit.* p. 43).

Se, para *Stumpf* o atraso cognitivo decorre da falta de um instrumento que viabilize as trocas simbólicas, considerando que a escrita é um instrumento de intercâmbio simbólico, podemos, então, inferir que a presença dela produz o contrário, ou seja, o aprendizado da ES potencializa o desenvolvimento cognitivo dos seus aprendizes.

Como já mencionamos, posteriormente a *Bébian* e *Stokoe*, surgiram muitos outros pesquisadores interessados na área e diversos sistemas foram inventados, a maioria tendo como base a criação de *Stokoe*, o Sistema de Notação *Stokoe*. Em sequência, em 1974 surge o *SignWriting* (SW) – um sistema de escrita criado e desenvolvido para grafar os sinais da *American Sign Language* (ASL), pela bailarina norte-americana *Vallerie Sutton*.

O SW surgiu a partir do *DanceWriting*, outro sistema criado por *Sutton* para registrar movimentos de dança (*STUMPF*, 2008; *BARRETO*, 2015;

⁷ Vale destacar que, apresentamos o termo ‘surdo’ entre aspas simples em virtude de ser parte da citação, uma vez que adotamos o termo visual em substituição a ele.

RIBEIRO, 2016; BENASSI, 2019). Diferente da Notação de *Stokoe* o SW ganhou popularidade e, desde então, vem sendo difundido pelo mundo todo, chegando no Brasil por intermédio do professor Dr. Antonio Carlos da Rocha Costa, em 1996. (RIBEIRO, 2016, p. 48). Nessa época *Marianne Stumpf* era aluna do referido professor e foi a partir dela que o SW começou a ser divulgado Brasil afora.

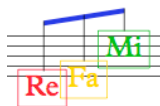
Conforme Barreto e Barreto (2012; 2015), que pesquisaram sobre o SW, trata-se de um sistema denso constituído por mais de 900 caracteres que possibilitam o registro de qualquer sinal das LS. Já *Benassi* (2017) o considera um sistema extremamente complexo e de difícil aprendizagem, em virtude do seu excessivo número de caracteres. De acordo com *Stumpf* (2005, p. 155), “o sistema SW original constitui-se de 982 signos de configurações das mãos, movimentos, expressões faciais, tipos de contatos, orientações de vistas, pontuações e dinâmicas”, os quais são representados por símbolos gráficos que combinados entre si possibilitam o registro de qualquer LS. Porém, *Stumpf* ressalta que a quantidade desses símbolos depende de cada LS, pois o sistema precisa ser adaptado à estrutura de cada língua. Contudo, apesar da complexidade e do elevado número de signos, atualmente, o SW é a ES mais usada no Brasil e no mundo (BARRETO, 2015).

Outro sistema corrente no Brasil, trata-se da Escrita das Línguas de Sinais (ELiS) – o primeiro de autoria brasileira – criado por Mariângela Estelita de Barros como objeto de sua tese em 2008, é o segundo sistema de ES mais conhecido no país, composto por 95 visografemas⁸ que juntamente com os diacríticos⁹ possibilitam a grafia de sinais de qualquer LS (BARROS, 2015). Todavia, é considerado pela comunidade visual um sistema extremamente abstrato (BENASSI, 2019, p. 31). De fato, a ELiS não representa a visualidade da língua, atribui-se a esse fato parte do desinteresse dos visuais pela aprendizagem.

Conforme autora os visografemas são distribuídos em quatro grupos, os quais representam os parâmetros da LS e suas respectivas quantidades de

⁸ São os signos gráficos que compõe o sistema de escrita das LS, análogo, às letras do alfabeto da LO.

⁹ Símbolos gráficos que conferem aos signos escritos, um valor especial, análogo aos acentos da Língua Portuguesa (LP).



grafemas: Configuração de Dedos (CD) – 10; Orientação da Palma (OP) – 6; Ponto de Articulação (PA) – 35 e Movimento (M) – 44. Destaca-se que dos quatros grupos a CD não constitui um parâmetro, apenas representa a Configuração de Mão (CM) que é um dos cinco parâmetros. Vale ainda destacar que os visografemas que simbolizam as Expressões Não Manuais (ENM) se encaixam no grupo dos grafemas de M, uma vez que para a autora, as ENM representam M.

Ainda conforme a autora, além desses grupos, com exceção do grupo de OP, os demais subdividem-se em diferentes subgrupos. Dessa forma, ela sistematiza e apresenta todos os visografemas para melhor elucidação e memorização dos mesmos. Não cabe aqui apresentarmos o detalhamento feito pela autora, mas sugerimos aos interessados consultarem as obras referenciadas.

Por conseguinte, na tentativa de criar um sistema mais econômico e eficiente, surge o 2º sistema de autoria brasileira – o Sistema de Escrita para Libras (SEL), composto de 109 caracteres + 54 diacríticos – criado pela professora Adriana Stella Cardoso Lessa-de-Oliveira, no período de abril de 2009 a maio de 2011 (LESSA-DE-OLIVEIRA, 2012). Para *Benassi* (2019), a SEL também não se efetiva pela demasiada abstração.

Por último, temos o mais novo sistema de ES – VisoGrafia (VG) – o quarto sistema corrente no país e o terceiro de autoria brasileira, criado e desenvolvido pelo professor-pesquisador Claudio Alves *Benassi*, entre 2016/2017. Tendo em vista as dificuldades dos seus alunos no aprendizado de ES – enquanto professor da disciplina ES – *Benassi* foi motivado para a criação de um novo sistema que fosse menos denso e mais visual. Então, visando romper com os dois maiores obstáculos presentes no SW e ELiS, ele buscou desenvolver um sistema que fosse de fácil aprendizagem e pudesse registrar a LS de forma mais econômica e visual. Assim, surge a VisoGrafia com seus 37 visografemas e 45 diacríticos, hoje totalmente estruturado (*BENASSI*, 2019).

Assim, a VG é a mais nova forma de grafia das LS que, a nosso ver, apresenta duas características que contribuem significativamente para o aprendizado da ES: 1) é o sistema que possui o visograma¹⁰ mais reduzido; 2) é

¹⁰ Termo usado para designar o conjunto de símbolos gráficos que constituem um sistema de

a escrita que melhor representa a imageticidade da LS por ser uma grafia que preserva a visualidade dessa língua. A seguir o visograma completo da VG:

Figura 3 – Atual visograma da VG.

1 _a)	. < (Móvel - - \ /)
1 _b)	. 7 7 (Móvel - \)
2)	■ □ ■ (Móvel - ■ ■ ■ ■)
3)	○ (Móvel -) — L ■ □
4 _a)	↑ ↓ ⇕ ↑ (Móvel - ↑ ↓ → ← ↗ ↖ ↘ ↙) ⇕ (Móvel - ⇕ ⇕) ∩ ∪ ∩ ∪
4 _b)	∨ Δ ∇ 7 7 W ∩ ∩ L (Móvel L L L) L L _a L _b

Fonte: Benassi (2019).

Para tanto, o autor tomando como base do novo sistema as características mais relevantes do SW (a visualidade) e da ELiS (reduzido número de caracteres), partindo daí a ideia de fusão dois sistemas. Como resultado, surge a VG como a mais nova possibilidade de registro de qualquer gênero textual em qualquer LS, com a sua viabilidade tanto de escrita quanto de leitura testada, comprovada e defendida em sua tese no dia 19 de abril de 2019.

4. ALGUNS EXEMPLOS DE ESCRITA PELOS SISTEMAS DE ES QUE CIRCULAM NO BRASIL

Como já apresentamos, diversos sistemas de ES já foram criados testados e até comprovados a sua viabilidade. No entanto, equivocadamente ou por desinformação muitos ainda acreditam que a LS seja ágrafa. Além desse equívoco, temos presenciado diversas opiniões bem divergentes a respeito da ES, por exemplo, que a ES é desenho e que ela só serve para escrever vocábulos isolados. A título de exemplo, apenas esses já servem para levantar discussões bastante pertinentes.

Nos subtópicos anteriores, vimos que existem diversos sistemas de ES, os quais refutam a ideia de língua ágrafa. Sobre a ES ser ou não ser desenho, Barreto e Barreto (2015, p. 78) afirmam que esse pensamento existe pelo fato de

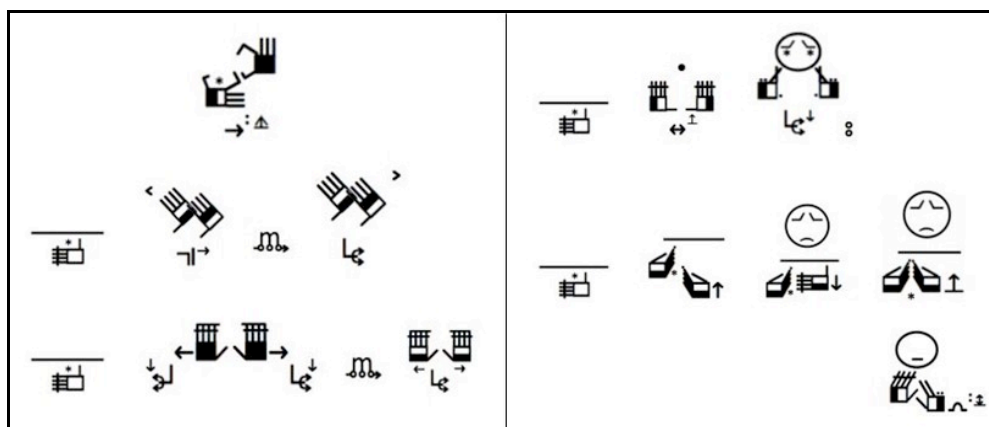
não estarmos acostumados com escritas de “Traços Não Arbitrários”. Além disso, os autores argumentam que,

se fôssemos chamar os grafemas da Escrita de Sinais ou os sinais escritos de desenhos, teríamos também que dizer que as palavras grafadas [...] e todos os demais grafemas das Línguas Orais também são desenhos. Mas não os classificamos assim. O registro gráfico de uma língua é denominado de *escrita* (BARRETO e BARRETO, 2015, p. 78. Destaque dos autores).

Sendo assim, se concebemos o registro gráfico das LO como ESCRITA, igualmente, vale para o registro gráfico das LS. Assim, é um grande equívoco nomearmos a ES de desenho ou falarmos desenhar em vez de escrever. Entretanto, comumente, ouvimos a expressão “Ah, mas eu não sei desenhar” (*op. cit.*, p. 120) ou o questionamento “Isso é escrita?”. Certamente, esse pensamento se ancora, equivocadamente, no fato de termos como modelo de escrita as representações gráficas das LO, especialmente, as de base alfabética, como se fosse modelo único.

Quanto à ideia de a ES registrar apenas sinais isolados e descontextualizados, já mencionamos que vários autores da área garantem que ela serve para registrar qualquer sinal de qualquer LS (BARRETO e BARRETO, 2015; BARROS, 2015; BENASSI, 2019), assim como, qualquer sentença ou gênero textual, como o poema escrito em VG, no exemplo a seguir.

Figura 4 – Poema em ES: “Contextualizando” de Claudio Alves *Benassi* – “Meu mundo está de ponta cabeça, meu céu está no chão; meu caminho chora: minha vida se afasta de mim”.

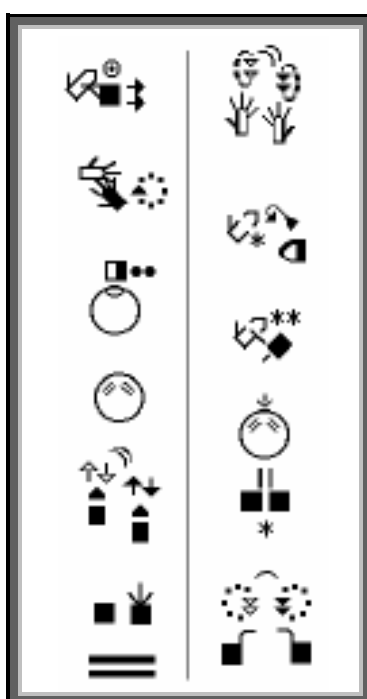


Fonte: BUENO, 2018¹¹.

¹¹ Poema elaborado e cedido pelo autor – Claudio Alves *Benassi* – para composição do artigo “VisoGrafia – Escrita visogramada das Línguas de Sinais: a visualidade da língua transposta

A nosso ver, mesmo se houvesse a possibilidade de escrever apenas sinais descontextualizados, já seria uma grande vantagem. No entanto, conforme exemplificado, podemos registrar da forma mais fiel possível um poema em LS preservando na escrita a visualidade da língua, o que para Bueno (2018) é a característica mais significativa da VG. O exemplo a seguir também comprova a viabilidade de registrar um texto em LS, desta vez por meio do SW.

Figura 5 – Texto escrito em SW.



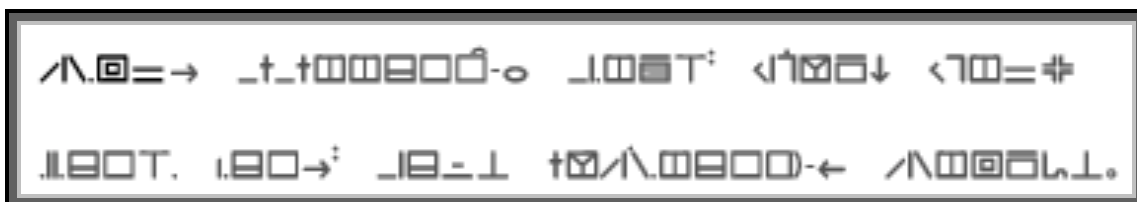
Fonte: *Stumpf* (2005).

A imagem anterior, trata-se de um texto escrito em SW, melhor dizendo, refere-se ao título da tese de *Marianne Rossi Stumpf*, o qual apresenta a seguinte tradução: “Aprendizagem de Escrita de Língua de Sinais pelo sistema *SignWriting*: Línguas de Sinais no papel e no computador” (*STUMPF*, 2005). Os dois exemplos anteriores comprovam a viabilidade de registro das LS por meio da ES, contudo, muitos ainda não têm esse conhecimento e outros tantos que já teve acesso a tal informação, permanecem céticos quanto à essa possibilidade. A imagem a seguir, trata-se de um texto em LS grafado por meio da fonte ELiS, vale ressaltar que como uma grande vantagem desse sistema de ES a

para a modalidade gráfica” (Cf. referência completa ao final deste trabalho).

possibilidade de edição por meio de uma fonte própria que pode ser baixada e instalada no *Word* e depois utilizada sem acesso à *internet*. Já o SW que também disponibiliza de fonte para edição, só é possível em rede *online*.

Figura 6 – Escrita de um texto em LS por meio da ELiS.



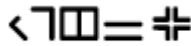




Fonte: sistematizado pelas autoras, 2019¹².

Em uma tradução livre para a LP o texto acima se traduz no seguinte enunciado: todas as pessoas têm direito a aprender a ler e escrever a sua própria língua.

Apesar de a comparação entre os sistemas não constituir um dos nossos objetivos, o desenrolar desse estudo nos conduziu a apresentação de um exemplo comparativo entre as ES – apresentado por Bueno (2019) – dos quatro sistemas presentes no Brasil, apenas para constatação, pois não cabe neste trabalho uma discussão mais ampla sobre esse aspecto. No quadro a seguir a escrita do sinal APRENDER em SW, ELiS, SEL e VG:

Tabela 1 – Escrita do sinal APRENDER pelos quatro sistemas que circulam no Brasil.

Sinal	SW	ELiS	SEL	VisoGrafia
				

Fonte: BUENO, 2019 (no prelo)¹³.

A razão de apresentarmos esse quadro com a escrita do mesmo vocábulo nos quatro sistemas foi para mostrar de forma visual o motivo pelo qual o autor

¹² Texto escrito com base em Barros (2015, p. 123) usando a fonte ELiS e transformado em imagem em virtude de o mesmo não desconfigurar em outros dispositivos não compatíveis com a mesma fonte.

¹³ Quadro comparativo da ES pelos quatro sistemas correntes no Brasil, apresentado por Bueno em sua dissertação em andamento.

da VG optou pela fusão do SW com a ELiS extraindo as características mais significativas que os dois sistemas apresentam, a visualidade do primeiro com o reduzido número de caracteres do segundo. Como já demonstrado, as possibilidades existem e a escolha, uma vez que dispomos dessas ferramentas para nos auxiliarem. Assim, cabe-nos a busca por esse conhecimento o que nos possibilitará melhor contribuirmos para a inclusão dos visuais.

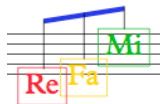
5. APRENDIZAGEM DE ES: ENTRE UTILIDADES, BENEFÍCIOS, DIFICULDADES E DESAFIOS

Pesquisando sobre essa temática constatamos que desde *Stokoe* que as pesquisas a respeito das LS têm aumentado consideravelmente. Todavia, podemos perceber que há uma predominância de estudos que privilegiam alguns aspectos dessa língua, por exemplo, a cultura surda. Em contra partida, outros aspectos igualmente importantes não recebem a devida atenção, por exemplo, a gramática da LS e a ES.

A nosso ver, considerando a importância da escrita das Línguas Orais (LO), entendemos que nas LS não deva ser diferente. Sobre essa consideração, Ribeiro (2016) propõe “a inclusão da ES através do SW como apoio no estudo e aprendizado da Libras por crianças ‘surdas’ e seu impacto no desenvolvimento educacional” (*op. cit.*, p. 12). Como podemos ver, para esse autor, a ES é uma ferramenta de aprendizagem que potencializa não só o aprendizado da LS, mas o desenvolvimento educacional como um todo. Nesse entendimento, coadunamos com esse autor que a ES é um instrumento de extrema utilidade na vida das pessoas visuais.

Dessa forma, reconhecendo a importância da ES, indubitavelmente, há que se reconhecer que sua aprendizagem proporciona benefícios também essenciais como acontece na vida dos ouvintes¹⁴ em relação ao aprendizado da LO, referimos ao ouvinte em virtude de a LO ser sua língua natural, assim como a LS é para os visuais. Nesse sentido, segundo a afirmação de Costa citado por Ribeiro (2016)

¹⁴ Termo usado para referir-se aos utentes da LO (oral-auditiva), uma vez que para os usuários da LS (viso-espacial) adotamos o termo visual, pois são os termos que igualmente marcam as potencialidades linguísticas desses sujeitos.

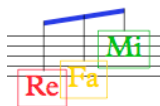


nas primeiras séries do primeiro grau a escola deverá propiciar à criança a apropriação da escrita, como expressão e enriquecimento de sua linguagem, como veículo de interlocução com os outros, a fim de que ela vivencie as verdadeiras funções da escrita (interagir com o outro; expressar o que pensamos, o que sentimos; criar; ampliar os conhecimentos; ser uma fonte de prazer e entretenimento etc.) (COSTA, 2003, *apud*, RIBEIRO, 2016, p. 12).

Nessa mesma visão, Barreto e Barreto (2015) apresentam uma série de benefícios que o aprendizado da ES proporciona aos usuários dessa língua, dentre os quais, destacamos:

- ✓ Permite ao surdo expressar-se livremente mostrando a fluência da língua de sinais, ao contrário da língua oral;
- ✓ Aumenta o status da língua de sinais quando mostra que o surdo tem uma escrita própria;
- ✓ Contribui com o **desenvolvimento cognitivo dos “surdos”**, estimulando sua criatividade, organizando seu pensamento e facilitando sua aprendizagem;
- ✓ É mais prática do que a gravação de uma sinalização em vídeo, pois permite escrever e ler textos em LS em qualquer lugar, basta papel e lápis;
- ✓ Preserva a língua de sinais, registrando a história, cultura e literatura surda, através de roteiros de teatros, poesias histórias, contos etc.;
- ✓ Pode ser usada por professores para ensinar a LS e sua gramática para iniciantes e também pelos próprios aprendizes de LS para lembrar o que foi estudado em sala de aula, com muito mais eficácia e praticidade do que desenhos ou anotações em Português (*op. cit.*, p. 81, 82. Destaque nosso).

A nosso ver, diante do que esses e outros autores nos apresentam, não há como negar que a relevância do aprendizado da ES. Todavia, Santana (2007) chama nossa atenção, no sentido de que as opiniões a respeito da LS são diversas e divergentes até mesmo entre os visuais e, segundo ela, nem sempre isso é levado em consideração. A autora faz tal afirmação como base nos depoimentos de alguns visuais, sujeitos de sua pesquisa, quando eles expressam diferentes opiniões a respeito da sua cultura e de si mesmo. A exemplo disso a pesquisadora destaca três percepções diferentes: “Para Ricardo, surdez é uma deficiência causada pela doença; Para Dalva, é uma doença que precisa ser curada, e a fala é uma meta a ser alcançada. Para Paula, a surdez é uma normalidade, a fala não precisa ser aprendida, a sua



língua é a língua de sinais (sic)” (*op. cit.*, p. 37). Ainda sobre essa questão, a autora afirma que “são opiniões de senso comum”, porém, tais discursos estão presentes nos ambientes acadêmicos onde ganham respaldo e legitimidade.

Corroboramos com a assertiva da autora, com base em nossas vivências, enquanto acadêmicas do curso de Letras-Libras no qual estamos em contato direto com visuais. Porquanto, vivenciamos em sala de aula, diariamente, esses choques de posicionamentos em relação à língua, aos sujeitos, à cultura, à formação, enfim, a tudo relacionado à surdez. Nesse caso, em nossa percepção, nenhum assunto desse contexto é mais polêmico do que a ES. Não apenas entre os visuais. No nosso entendimento, essa realidade representa um entrave para a aceitação da ES como aprendizagem significativa. Soma-se a isso, outras dificuldades como o pouco acesso a esse conhecimento e o próprio desconhecimento em relação a ES. Então, qual seria o desafio?

Essa questão, nos remonta à fala de *Sutton* ao prefaciar o livro “Escrita de Sinais na educação do aluno surdo” de autoria de Sergio Silva Ribeiro, quando ela afirma que

o princípio da escrita de uma linguagem é um período de dificuldades, por que (sic) os novos leitores não possuem literatura para ler! Isto é difícil de ser imaginado por pessoas ouvintes, que têm a leitura e escrita de sua língua falada já estabelecidos, como no caso do Português e do Inglês...mas os primeiros escritores de todas as línguas escritas tiveram que, corajosamente, dar o primeiro passo para começar a escrever a literatura (*SUTTON, apud, RIBEIRO, 2016, p. 6*).

Assim, não temos uma resposta fechada para tal questionamento, mas concordamos com *Sutton*, no sentido de que precisamos também dar o primeiro passo na direção de engajarmos na luta a favor dessa conquista, a possibilidade da escrita. Então, cabe-nos enquanto estudantes em formação, pessoas comuns e futuras profissionais dessa área sairmos do senso comum, afinal, a formação que ora buscamos deve provocar essa transformação em nós, primeiramente. Só depois disso, fará sentido a provocação de Monteiro (2015, p. 99) de que “é preciso que se acredite na possibilidade de desenvolvimento da leitura e da escrita para que esse processo possa ocorrer”. Embora, a autora se referia à LO. Por analogia, podemos inferir que a premissa vale para a LS, uma vez que o

nosso assunto é leitura e escrita, que mesmo sendo dois processos diferentes, são ou deveriam ser indissociáveis. Porém, temos consciência de que, linguisticamente falando, nem toda analogia é possível.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante desse cenário, cientes das problemáticas que envolvem as relações na perspectiva da inclusão, consideramos que o contexto social como um todo já avançou consideravelmente, sobretudo em relação à inclusão dos visuais. É notável, essa mudança. Podemos notar que a “invisibilidade” em relação a eles vem sendo desconstruída, ainda que a passos lentos. Assim, entendemos que muito tem de ser feito em prol dos mesmos. Para tanto, faz-se necessário que o engajamento, principalmente, daqueles que estão envolvidos diretamente na educação e no contato com esses sujeitos, uma vez que é difícil pensarmos na proatividade de todos.

Contudo, diante dessa impossibilidade, e não é pessimismo nosso, desejamos fomentar reflexões que contribuam para proporcionar melhor qualidade de vida para as pessoas pertencentes aos diversos grupos minoritarizados, embora tais grupos constituam a maioria da sociedade. A nosso ver, a temática que abordamos nesse trabalho representa um dos instrumentos que possibilita uma vida mais autônoma aos visuais e contribui para sua autoafirmação enquanto cidadãos constituídos de direitos igualitários.

Ao levantarmos essa discussão apresentando os diversos sistemas de ES e os benefícios que essa aprendizagem proporciona aos usuários da LS, não pretendemos impor nenhuma forma de escrita, muito menos um sistema de escrita, mas apresentar esse aprendizado como ferramenta importante na vida social desses sujeitos, assim como a escrita da LO é fundamentalmente necessária e imprescindível aos usuários dessa língua. Não pretendemos também, de forma alguma, dizer que a ES substitua a escrita da LO, até porque a Lei nº 10.436 – regulamentada pelo Decreto nº 5.626 – postula que a LS não deve substituir a modalidade escrita da LP. Mas, em concordância com os diversos autores por nós citados, reafirmamos que a aprendizagem da ES é potencializadora das demais aprendizagens, conseqüentemente, contribui para o

desenvolvimento linguístico e cognitivo dos visuais.

REFERÊNCIAS

ANASTASIOU, L. da G. C. Ensinar, aprender, apreender e processo de ensinagem. **Metodologia do Ensino Superior: da prática docente a possível teoria pedagógica**. Curitiba: IBPEX, 1998.

BARRETO, M.; BARRETO, R. **Escrita de Sinais sem mistérios**. Belo Horizonte: Ed. do autor, 2012.

_____. _____. 2ª ed. ver. atual. e ampl. Salvador, v.1: Libras Escrita, 2015.

BARROS, M. E. **ELiS – Escrita das Línguas de Sinais: proposta teórica e verificação prática**. Tese (doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Centro de Comunicação e Expressão. Curso de Pós-Graduação em Linguística (PGL). Florianópolis, SC, 2008.

_____. **ELiS: sistema brasileiro de escrita das línguas de sinais**. Porto Alegre: Penso, 2015.

BENASSI, C. A. Formação de docentes para o ensino de Escrita das Línguas de sinais (ELiS). **Revista Falange Miúda (ReFaMi)**, Saberes Discentes, Ano I, v. I, 2016.

_____. **O despertar para o outro: entre as escritas de língua de sinais**. Rio de Janeiro: Autografia, 2017.

_____. **Visografia: o problema do conteúdo, material e forma na escrita de sinais**. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Linguagens, Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens (PPGEL), Cuiabá, 2019.

BRASIL. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm>. Acesso em: 30 dez. 2018.

_____. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm>. Acesso em: 31 mai. 2019.

BUENO, Á. de S. VisoGrafia – Escrita visogramada das Línguas de Sinais: a visualidade da língua transposta para a modalidade gráfica. In. **Anais Vol. 8 (2018): VI Congresso Internacional de Educação**, Cáceres/MT, 18-20 outubro de 2018 ISSN 2317-5494. APAE Cáceres.

CAMPELLO, A. R. e S. **Língua Brasileira de Sinais**. In: Indaial: UNIASSELVI, 2011.

CARVALHO, M. A. F. de; MENDONÇA, R. H. (Orgs.). **Práticas de leitura e escrita**. – Brasília: Ministério da Educação, 2006.

CRYSTAL, D. **A revolução da linguagem**. Trad. Ricardo Quintana. Rio

de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

DUARTE, A. S. **Metáforas Criativas**: processo de aprendizagem de ciências e escrita da língua portuguesa como segunda língua pelo estudante visual (surdo). Tese (doutorado), REAMEC, 2016.

GNERRE, M. **Linguagem, escrita e poder**. 5ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

LESSA-DE-OLIVEIRA, A. S. C. Libras escrita: o desafio de representar uma língua tridimensional por um sistema de escrita linear. **ReVEL**. v. 10, n. 19, 2012. Disponível em: <<http://www.revel.inf.br/files/4566006ab74ecff8dc54d92e9649eb86.pdf>>. Acesso em: 17 abr. 2019.

MARCUSCHI, L. A. **Da fala para a escrita**: atividades de retextualização. – 8ª ed. São Paulo: Cortez, 2007.

MONTEIRO, M. I. B. A escrita dos alunos deficientes mentais nas escolas comuns e especiais. In: LODI, Ana Claudia Balieiro; HARRISON, Kathryn Marie Pacheco; CAMPOS, Sandra Regina Leite de (Orgs.). **Leitura e escrita**: no contexto da diversidade. – 6ª ed. Porto Alegre: Mediação, 2015. p. 95-100.

OVIDO, A. **La Mimografía de Auguste Bébian**. Disponível em: <<https://cultura-sorda.org/la-mimografia-de-auguste-bebian-texto-completo-en-espanol-edicion-comentada/>>. Acesso em: 19 abr. 2019.

QUADROS, R. M. de. **Educação de surdos**: a aquisição da linguagem. – Porto Alegre: Artmed, 1997.

_____. KARNOPP, L. B. **Língua de sinais brasileira**: Estudos linguísticos. – Porto Alegre: Artmed, 2004.

_____; SCHMIEDT, M. L. P. **Idéias para ensinar português para alunos surdos**. – Brasília: MEC, SEESP, 2006.

RIBEIRO, S. S. **Escrita de Sinais**: na Educação do Aluno Surdo. Curitiba: Instituto Memória. Centro de Estudos da Contemporaneidade, 2016.

SANTANA, A. P. **Surdez e linguagem**: aspectos e implicações neurolinguísticas. – São Paulo: Plexus, 2007.

SOARES, M. **Letramento**: um tema em três gêneros. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

STUMPF, M. R. Aquisição da escrita de língua de sinais. **Letras de Hoje**. Porto Alegre. v. 36, nº 3, p. 373-381, setembro, 2001.

_____. **Aprendizagem de Escrita de Língua de Sinais pelo sistema SignWriting**: Língua de Sinais no papel e no computador. Tese (doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), CINTED, PGIE. Porto Alegre: RS, 2005.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO. **Projeto Pedagógico do Curso de Graduação de Letras-Libras, Licenciatura**. Cuiabá, 2017.